

Anno 1.º

# O GAMPEÃO

N.º 3-16

SEMANARIO DE LITTERATURA, CRITICA E DE SPORT

DIRECTORES LITTERARIOS

BENTO IZIDRO  
MARIO NEY  
J. COSTA BASTO

EDITOR

ALBERTO GOMES COELHO

D. Leonilda M. Moreira de Sá



E se alguém duvidasse, se a D. Leonilda não fosse sobejamente conhecida pelo pequeno publico que se interessa pelo que é sublime e grandioso, se não tivesse sido ouvida nos innumerados concertos que tem honrado, quer em casa de seu pae, o glorioso artista Moreira de Sá, quer no Palacio e no Orpheon, onde nos tem deliziado ao ouvir-lhe a *Fantasia*, de Bach ou *Le Depart*, de Bizet, bastaria dizer que o insigne pianista Vianna da Motta ao ouvir-lhe um dia teve para Ella a seguinte phrase:

«E' a artista mais completa que eu tenho ouvido».

Pena é, e com amargura o dizemos, que D. Leonilda não encontre em esta terra as condições que o seu talento e o seu estudo exige.

\* \*

No perfil que ahi deixamos cabe tambem um lugar de honra a Moreira de Sá, o trabalhador incançavel, o glorioso artista, que como educador de sua filha tão bem soube infiltrar-lhe, na alma juvenil, não o sentir porque isso não se ensina, mas sim todo o seu saber, toda a sua arte.

Não devemos portanto esquecer-o, a elle, que tão alto tem lá fora, alevantado o nome portuguez fazendo ver que aqui n'este obscuro canto, n'este tão pequeno Portugal ainda ha genios, ainda ha artistas.

J. COSTA BASTO.

## CHRONICA



MAIS sete dias correram, n'uma intermitencia de caricias de bom sol e de choviscos causticantes.

Sob esta tepidez do astro-rei e os prantos do céu, avança a podridão das folhas mortas, como rebentam vicejantes e frescas às verduras.

Se nos evoca pungentes semelhanças o transformar da materia inerte, proporciona-nos o revivescer das encostas a seductora miragem de ahi existirem lagos de esmeralda, onde as casarias põem ora uma nota de brancura, ora o tom berrante da ardosa de Marselha.

Mixto de jubilos e melancholias, é pois a impressão d'este outomno agonizante. Entanto nada mais suggestivo e deslumbrador que estes poentes d'agora.

O sol, lá para o Cabedello, assim como um grande e dourado globo ocular, cerra a palpebra diversamente colorida, desde o rubim mais puro, ao violeta mais caracteristico

Poentes como não ha em alguma outra estação, estes, correndo toda a gamma do colorido, ora simples ora polychromos e tão originaes, tão inexplorados, tão de vivas tintas, que não haverá paleta de pintor sabendo transpol-os á tela.

Se impregnada de melancholia, d'um vago de saudade é esta quadra, tambem para as almas contemplativas é o repositório das mais fundas impressões, das mais queridas paysagens.

\* \*

Morreu o Dr. Camara Pestana!

Tal a nota lancinante, em meados da semana, dando rebate funebre em todas as almas bem formadas.

Echoou, lugubrememente, como o dobrar d'um grande sino em dia de finados, a sinistra nova, acceleradamente passando de bocca em bocca, tal qual um pregão desolador.

Os corações transmudaram-se em altar, onde a memoria do illustre sabio, ferido de morte no grande e alevantado combate da sciencia em prol da humanidade—restou resplandecendo, como uma costodia d'ouro, entre os lumes d'um *tauspereenne*.

Ante o grande homem que resvallou na campa, acurvam-se todas as frentes e luminosamente o veem subir, subir, até pousar nas paginas mais brilhantes do martyriologico scientifico.

E tão alto se guindou, que o vituperio e a insinuação suez dos mesquinhos cerebros e ruins consciencias, não alcança ensombrar-lhe o sympathico vultu moral.

Máu grado toda a grande gloria com que elle entra na historia, punge-nos acerbamente o prematuro fecho de tamanha vida, n'esta epocha, para o nosso paiz, sáfara de sacerdotes do templo do saber,

Entre o nosso meio artistico destaca-se como de entre as mais estrellas, a estrella d'alva, a figura insinuante da nossa perfilada.

Ninguém dirá, ao vel-a, que no seu corpo franzino, delicado, se alberga uma forte compleição de artista.

Quando Ella se aproxima do piano, envolta em toda a sua modestia, gentil em toda a sua simplicidade, duvidamos que as suas pequeninas mãos possam domar aquelle vultu ingente.

E no decorrer da execução, ao ver a forma como D. Leonilda imprime ao teclado toda a mechanica do seu estudo fazendo-nos sentir toda a musica, desde as mais extraordinarias tempestades até ás mais suaves confidencias, julgamo-nos sonhando um d'esses sonhos das «Mil e uma noites» em que uma fadasita, tão gentil e tão bella como Ella, nos fizesse ouvir toda aquella musica entoada por um eóro d'anjos.

E' que D. Leonilda allia, o que é raro, ao seu profundo estudo, á sua admiravel mechanica, toda a flexibilidade do seu ser, todo o sentir da sua grande alma.

Porém nada mais resta do que, de parceria com todas as almas boas, depôr as nossas flores de saudade sobre a lousa do que foi Camara Pestana.

Assim o fez também a briosa academia do Porto, a primeira em preitos á verdadeira grandeza.

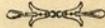
E ainda bem que n'esta malfadada terra de egoismos e interesses vis; existe quem commemore alguma cousa de mais santo e puro, que a nota bancaria e as obrigações da dívida externa.

\*  
\* \*

Assim remata elegiacamente a semana, semelhando haver tintas mais melancolicas ao findar da tarde, como que veladas em luctuosos crêpes...

Porto, 17—11—99

MARIO NEY.



## A SATTAN

Mas que frio, que gelo! O descarado inverno Nos trouxe para aqui a torturar a gente!... E a neve sempre, sempre, ininteruptamente Como um castigo atroz, um flagello eterno!

Que bem se deve estar lá no Inferno, N'esse palacio rubro, onde tudo é quente!... Mas que frio Sattan, que frio impertinente Gerou pelo universo este pensar moderno!

E o céu desfaz-se em neve, em flocos regelados —Como a fé dos christãos e a crença dos judeus— E desce sobre a terra a sepultar peccados...

Dentro em pouco terás um mundo só d'atheus, Um Christo sem valor, uns santos esfaimados A baterem-te á porta atraz do proprio Deus!

N. R.—O auctor d'este soneto é ainda o mesmo dos publicações nos dois nossos ultimos numeros e a quem, infelizmente, não sabemos o nome.



## No leito da morte

**B**EMDITA sejas tu, oh Morte! Só tu lanchas um olhar de commiseração, de suprema piedade, para o desgraçado que vive no meio das mais arduas dores! Só tu lhe appareces, misericordiosamente a redimir-o da desventura que lhe enche a alma de amargoso fel, de infinita dor! Só tu te condoes do desgraçado. Bem hajas!

Ao meu coração, atravessado pelas settas lancinantes do infortunio, cruciado de dores, torturado pelo soffrimento, só tu vens dar a desejada calma, o anciado repouzo! Bem hajas, tu, oh Suprema Redemptora! que tens mais piedade que essa mulher que desprezou crudelissima e impiedosamente essa flor, fragrante e virente, que desabrochou no meu coração e que eu lhe fui depôr aos pés com o respeito que se deve a Deus!

Ella viu que a dôr me torturava o peito; viu-me cahir vergado ao pezo do supremo soffrimento que occasionava; viu que a minha alma se ia afundando em um abismo de torturas, e nos labios ajeouo lhe um sorriso de indiferença, na physionomia transpareceu-lhe um vislumbre de orgulho!

E eu vergava-me, pedia-lhe misericordia, piedade! Rojava me aos seus pés e, joelhos no chão, mãos postas, implorava da bondade da sua alma um tenue raio de esperança, um pequeno conforto para o meu coração!

E sempre aquelle sorriso de indiferença a

bailar-lhe nos labios, sempre aquelle vislumbre de orgulho a transparecer-lhe nas faces?

Ameaçei-a com o suicidio. Que em breve me veria acabar com as dores de que ella, só ella, era a causa! Descrevi-lhe a suprema negrura que lhe iria depois na alma, o remorso inapagavel que lhe torturaria todas as horas do seu viver!

E ella sorriu-se com o mesmo sorriso de indiferença; nas faces revelou-se-lhe o mesmo vislumbre de orgulho!

As amigas contaria ella depois, toda altiva: —Já um homem se matou por mim!

Oh! Como tinha razão *Montesquieu* quando dizia: «as mulheres só têm almas pequenitas».

Como ponderava ajuzadamente *Euripedes* quando, referindo-se á mulher, exclamava: «se foi um deus que inventou a mulher, que tive saiba—esse deus—quem quer que elle seja, que foi para o homem o funesto artista d'um mal supremo.» Oh! Como tinham razão *Aristoteles*, *Cicero*, *Molière* e todos esses que a estigmatizaram com vituperios! Como tinham razão!

E no entanto eis-me aqui no leito da morte, prestes a extinguir-se em mim o ultimo sópro de vida por o amor que dediquei a uma mulher!

Oh! Não, não! Eu não quero morrer! Como ella depois se orgulharia de ter um homem que se finou de paixão por ella! Como o contaria a todos! Quero, pois, viver! Deus, não me roubeis a vida! Consenti que viva! Deixae-me existir...

Mas em bem sinto presagio d'um proximo fim! Bem o sinto!

Morte! Acolhe-me nos teus braços! Tu é que és a minha amante! Tu é que tens piedade dos meus soffrimentos! Arranca-me, a este viver de dores! Leva-me contigo, oh minha *bemdita amada!*...

JULIO RIBEIRO DA SILVA.



## Soneto

Sou um doido talvez. Ando perdido Pelo mundo a buscar não sei o quê. Em torno o meu olhar olha e não vê O que eu ao peito sinto ter unido.

Dirijo o meu andar p'ra não sei onde, Envolve-me nas sombras do prazer, Indago de minh'Alma o que é que quer, E a minh'Alma chora e não responde.

Procuo as illusões do meu passado, Procuo os bellos sonhos que hei sonhado, E nada encontro e vejo em torno a mim.

Sou como um filho espurio, abandonado, Sem ter um ente querido, um bem amado, Que comprehenda o meu soffrer sem fim.

\*\*\*

Mas cumpra-se o dever, é sorte minha! Desfaz a flôr o sopro da rajada E cae na terra inerte, ensanguentada Pelas garras d'uma aguiua e andorinha;

Joga a batel nas vagas alterosas Impellido por ventos furibundos, Rolam mundos em volta de outros mundos, E se apagam estrellas luminosas.

Ha uma força immensa, poderosa, Que este mundo dirige silenciosa, Envolvida n'um intimo mysterio...

E se assim é, p'ra que hei de allucinado Chorar o meu porvir e meu passado Se ao meu chôrro não acho refrigerio!?

(D'um livro em preparação)

Porto, 99.

J. COSTA BASTO.

## A VIUVINHA

**T**RISTE, muito triste, com os olhos pregados no chão, n'uma romagem santa ella lá ia todas as manhãs—a Claudina—envolto o seu corpo em pesado luto, o coração oprimido de dôr e a alma magoada de saudades, a caminho do cemiterio, até á jazida do seu bem-amado, do seu esposo.

Ajoelhando em dolorosa prece, entre lagrimas piedosas, depositava sobre a rasa campã um ramillete de rosas brancas, muito brancas que, mal despontavam no horizonte os pallidos alvares da madrugada, ella, ia colher nos canteiros do seu jardim de fada, porque eram aquellas rosas brancas, muito brancas, que o seu Alberto muito gostára que lhe adornassem a lapella.

E alli permanecia em extasi delicioso, horas e horas, coberta d'alto abaixo pelo denso veu, e tão denso, que não deixava ver os seus olhos pretos cheios de luz e meiguice, as suas faces pallidas e mimosas, embora o seu talhe gentil nos fizesse adivinhar a belleza do seu rosto.

Um dia foram tantas as lagrimas que verteram dos seus lindos olhos, que a Claudina levantou o veu para enxugal-as, e então, um estudante que, pelas bellas manhãs d'abril, procurava no silencio do campo santo o melhor logar para o estudo, ficou deslumbrado com a sua peregrina belleza.

Retratou-se-lhe de tal forma a sua imagem no espelho da alma que começou de amal-a tanto, tanto, que não pôde furtar-se á tentação de declarar-lhe as irrequietas phalenas que lhe borboleteavam ardientemente na phantasia.

E assim divagando extasiado ao longo das avenidas bordadas de murtas e flores a contemplar-a, era seu unico pensamento, seu unico aneio o confessar-lhe os ignotos ardores de que era feito o seu amor, mas recuava timidamente, receiosamente.

Ao segundo dia foi para alli mais cedo, muito mais cedo, e sobre a rasa campã do marido de Claudina deixou elle um cartão tão branco, como brancas eram as rosas que ella alli levava, piedosamente, n'uma saudade bem intima, bem da alma, apenas ensombrado pela phrase que escrevera—Amo-te mulher!—

Experimentára Claudina tão forte commoção com aquella phrase escripta n'um bilhete sobre a campã do seu bem-amado, insultando-lhe assim a memoria, que cahira sobre a terra n'uma syncope. E elle, o estudante, que a espreitava ao longe, escondido entre uns melancholios cyprestes, ao vela cahir, fugiu apavorado julgando tel-a fulminado de dôr, arrependido talvez.

Claudina, a gentil e triste viuvinha duplamente magoada de dôr, resolvera, dias após, entrar para um convento fugindo ás tentações de trahir o mais solemne juramente que fizera nas suas ultimas despedidas, quando debulha da em lagrimas lhe arrancaram de casa o frio cadaver do esposo que tanto amava e na presença de um Christo de marfim que lhe estava á cabeceira derramando nos seus mysticos olhares de agonia toda a sua immensa resignação.

E foi esse mesmo Christo que mezes depois, na lugubre cella do convento, á luz bruxoleante d'uma lampada, a viu cerrar os seus olhos para sempre, na mesma doce e calma resignação.

E' que a infeliz Claudina alimentava a fagueira esperança de que lá no céu, junto a Deus, a sua alma se encontraria com a de seu bem amado no resplendor de pureza e virtude, como lhe jurára na hora ultima.

BENTO IZIDRO.

## ALDEIA

O clarão da aurora poisa o pé doirado  
Por sobre a montanha, no dorso gigante;  
E o céo das estrellas, ha pouco azulado  
Vae tomando as côres d'um rubro encarnado  
Com lampejos d'oiro, vindos do Levante.

Pelos prados verdes andam maripozas  
Desdobrando a medo vôos hesitantes;  
Vão bebendo aromas, vão beijando as rosas,  
Vão mostrando os iris das azas formosas,  
Tecidas de seda, feitas de brilhantes.

Por entre a alcatifa de silvestres flôres  
Corre brando o arrioio em doce harmonia;  
E as moças d'aldeia, d'olhos seductores,  
Vão pela campina discutindo amores,  
Com sorrisos castos, feitos d'allegria.

Que bonitas moças, faces tão rosadas!  
De cabellos loiros, labios sensuaes;  
Conduzem o gado às veigas hervadas,  
Levam á cintura rocas hasteadas  
Onde fiam linho para os enxovaes.

O sol vae subindo n'amplidão do ar,  
Rútila cabeça, feita d'oiro e chamma;  
E as moças d'aldeia quemad-se a seismar,  
Rocas á cintura, quietação no olhar,  
Seio dilatado, que o amor inflama.

Pela estrada fóra veem os namorados  
De vestias ao hombro, enxadas na mão;  
Vão cavar nas terras, alisar vallados,  
E nas horas vagas vão pelos hervados  
Dar, junto das moças, lena ao coração.

Cumprimentos simples, phrases á mistura,  
Gargalhadas francas, expressões d'amor,  
Corações leaes a emanar ventura;  
E quando suspiram exhalam ternura  
Como exhalta aromas no hastil a flôr.

Oh! viver na aldeia, meu sonhar ardente,  
Aspiração santa d'um sagrado culto!  
O surgir da esp'rança que tenho presente  
Vae formando um corpo caprichosamente,  
Vae a pouco e pouco desenhando um vulto.

A. ALBERTO MARTINS.

## MARIA

AO LUÍZ MARIA PEREIRA

Ave-Maria,  
Cheia de graça...

Oração da Egreja.

I

Maria!... Eu queria ficar eternamente a  
resar o teu nome, nome dulcíssimo...

II

Queria que o *Angelus* da minha pobre vida  
fosse o teu nome, feito dos perfumes orien-  
taes...

III

Maria! A primeira palavra da dolorida ora-  
ção dos desgraçados! Pelos meus labios pen-  
so que sae todo um vergel de flores mysticas  
ao dizer o teu nome.

IV

Oh! toda pura!  
Muitas vezes, como de um louco, a minha  
vista erra pelo espaço, procurando alguma  
cousa que presente, mas que não vê! Vae  
até ás estrellas que desferem lyricas tremu-  
linas pelo espaço todo nevado como o vellu-  
do manto de uma santa...

V

Oh! toda gracil como o heliantro! O' toda  
heril entre as heris, flexivel como as pal-  
meiras do deserto! Esse teu lindo cabello pa-  
rece o háló de uma lua de janeiro! O teu  
olhar é para mim um hiúlico ceu todo feito de  
magoados azues...

VI

Ouvi hontem o teu piano que chorava a  
doce «Ave-Maria» de Gounod, tão formosa  
quanto triste e tão triste quanto meiga: mú-  
sica feita de lágrimas, música feita do exter-  
iorisar de ingenuos coraçãoes.

A minha alma parecia evocar todo um poen-  
te de ballada com flôres a estiolarem-se e  
donzellas a morrerem, e pouco a pouco perdia-  
se pelo mysterio juntamente com a melodia  
que o teclado do teu piano chorava ..

VII

Ha dias que o sol, quando fenece, muito  
longe, chora um chorar de hemo. Assim é a  
minh'alma, quando lhe falta a umbella do  
teu doce olhar, chóra saudades, Maria!...

VIII

Sabes?! As violetas, muito timidias, como  
donzellas, desabrocham já pelos canteiros do  
jardim, lindo remanso com ingénuos longes  
virgilianos; o seu limbo é tão velludoso que  
parece que foram gestadas n'uma noite de  
luar maguado ..

IX

Maria! . . Oh! toda feita de lágrimas!...

X

Maria!... Pelo ar erram os sons gemen-  
tes de um violino que, desferido por um son-  
hador, diz uma ballada escocesa que faz chor-  
rar!

E a minha alma, em procura da tua, voga  
com os sons gementes do violino cujas cordas  
se quebram com as ultimas notas da ballada  
escocesa que faz chorar...

Maria!

(Do meu «Balladas» em preparo)  
Outubro de 99

GONÇALVES DIAS.

## Amor

Eu amo o sol, porque é elle  
Que brilha durante o dia,  
Por ser o astro fiel  
Que nos dá a luz da alegria.

E minh'alma de estudante,  
Sem ter nada que a afoite,  
Adora a lua alvejante,  
Porque illumina de noite.

Mas amo-te a ti, querida  
Porque de noite e de dia  
Dás luz á ingreme via  
Da minha pungente vida!

15—11—99.

ADRIANO FONTES.

## Origem dos banhos do mar

LINDAS banhistas, que vos entregaes to-  
dos os dias ás caricias e affagos do velho  
mar, dando-vos elle em troca mais uma bel-  
leza, mais um feitiço para o vosso thesouro  
de graças, com que predeis os nossos cora-  
ções juvenis, se quereis saber a antiquissima  
origem dos banhos do mar, tal como a con-  
servou intacta até nós uma velha lenda judia,  
eu vol-a vou contar.

Nos primeiros dias da criação, quando os  
filhos de Deus, se enamoraram das filhas dos  
homens, por as acharem muito formosas, como  
diz o texto biblico, os anjos ensinaram ás suas

lindas amigas muitos segredos de extranhos  
phyltros e occultos elixires, com que ellas de-  
senvolvessem e augmentassem ainda mais os  
seus encantos.

Passado tempo para verem os effeitos dos  
seus segredos, resolveram effectuar uma reu-  
nião n'um florido bosque e ahi então, n'esse  
como que primeiro concurso de belleza, pro-  
clamariam a formosa entre as mulheres.

No dia convencionado, dia de festa na sim-  
pleza de então, iam chegando aos pares como  
as pombas mansas, ajuntando-se á sombra dos  
sycomoros, ao pé d'uma fonte de crystal,  
cujas aguas, matizadas de corollas, de nenu-  
phares, deslisavam serpeando atravez de moi-  
tas de rosas e aguceñas que enchiam o am-  
biente de suaves olores. Ahi, entrelaçados os  
pares em choreias pastoris, iam esperando  
pelas mais retarlatarias e descuidosas irmãs.

Por ultimo só faltava uma que tinha o seu  
ninho de amores proximo á encosta declivosa  
da beira-mar. Quando o seu vulto gracil apa-  
receu por detraz d'um jasmineiro em flor,  
todas se voltaram para ella como que ofus-  
cadas pelo estranho da sua deslumbrante for-  
mosura. Era como a Esposa que mais tarde  
havia de ser immortalisada no livro dos Can-  
tares. Elegante e gracil, branca d'uma alvura  
lactea, os cabellos negros como a negra tre-  
va, compridos e esparcos, olhos de gazella,  
ensombrados de longos cilios, bocca como um  
botão vermelho entreabrindo-se á volta d'uma  
dupla fiada de perolas, os seios papitantes  
como duas rolas a gemer, e tantas mais bel-  
lezas tantas... Sem duvida alguma era a  
rainha reclamada da festa.

Curiosas, todas se acercaram d'ella inter-  
rogando-a, enquanto que a cingiam com uma  
corôa entretrecida de rosas e myrtos como  
vencedora d'aquelle certamen de belleza:

—Irmã, diz-nos o teu segredo, descobre-  
nos o teu talisman? O meu amado, diz ella,  
ensinou-me a trocar nos meus banhos a trans-  
parente lymphá das fontes pelas azuladas  
aguas do mar...

Desde então, lindas banhistas — e isto já  
lá vae ha tantos annos — o espesso tapete da  
areia moveida da praia gemera sob o peso  
de muito gracioso pésinho, os rochedos da  
costa repercutiram muito grito de medo ou  
de jubilo, e o mar estremeceza muita vez em  
extasis de volupia infinda.

Povos.

B. PEREIRA.

## Os teus olhos

(AO ADRIANO FONTES)

Fizeram nascer teus olhos  
Em mim tão dura emoção  
Que já vão brotando abrolhos  
No meu pobre coração.

São d'um negro não vulgar,  
Tão negros ninguem os tem,  
E tãõ o dom de tornar  
Minh'alma negra tambem.

P'ra que vi eu os teus olhos,  
Se me havia de lançar  
Em tão horriveis escolhos  
O teu diamantino olhar?

Mas é que a olhos tão bellos  
Fugir não posso, afinal:  
—Se os não vejo, quero vê-los,  
Se os vejo... fazem-me mal!

Porto, 18—11—99,

JOSÉ CUNHA (DELTA).

## A morte d'um santo

I

## A ORAÇÃO DO ALLUCINADO

**M**ONTANHA erma, espinhaçada de rochedos.

N'uma caverna de leões vive um homem: é o santo da montanha. Vede-o «à luz bruxuleante de alampada miseravel»: tem o aspecto de phantasma soerguendo se d'um tumulo.

Elle falla, escutae-o.

Morreu o anjo dos meus sonhos!  
Vi-me sem bussola, sem norte,  
E arremessei meu corpo ao tumulo  
D'esta cella aonde espero a Morte.

Ouve ao longe a voz dulcissima d'uma mulher; soergue-se do leito miseravel.

Morreu? não. mil vezes não!  
Eu ouço ainda o seu cantar...  
Fui enganado. Ella ainda vive  
'Inda tem luz o seu olhar.

'Inda o cabelo—oiro de sol—  
Lhe doira o seio alvo de neve,  
Como esse pó do pôr do sol,  
O beija nu, meigo ao de leve;

'Inda me cobre, toalha de luz,  
O peito ardente, enamorado  
Quando eu a sonho dar-me a flux  
Beijos astraes no meu noivado.

'Inda na bocca brinca um sorriso,  
Meigo sorrir d'anjo a cantar,  
Deixando vér, meigo sorriso,  
Per'las em fio a deslizar.

'Inda no collo branco arminho,  
Mar de prazer, divino mar,  
Fazem d'um beijo um casto ninho  
As illusões do meu sonhar.

'Inda da bocca um rubro anel  
Que cerca um calix d'oiro, senhor,  
'Inda da bocca escorre o mel  
Que eu lhe bebi, cheio d'amor.

'Inda no olhar, ceu estrellado,  
Ceu divinal, coberto d'oiro,  
Ando perdido, allucinado,  
Como a calhndra em trigo loiro...

Perde-se ao longe a voz de mulher; o allucinado accorda do seu extasis, com o reaparecer da visão que lhe deu forças na agonia dolorosa. O vento geme por entre as pednias soluços plangentes de moribundos...

Vento do Norte?! Quero morrer,  
Quero morrer, divina Morte!  
Tenho no peito astros a arder  
Mas não t'os dou, vento do Norte:

Fal-os cahir, Jesus bemdito,  
Beijos d'amor diamantinos  
Fal-os rolar pelo Infinito.  
N'alma de noivos diamantinos...

Apaga-se a ultima crepitação da alampada envolvendo em mortalha de trevas o corpo do santo.

Foi o beijo da morte que apagou n'aquella caverna de paixões inexoraveis o ultimo clarão de luz e de vida.

II

## O SANTO

Quem agora passar pela portella d'aquellas montanhas, que, lá ao longe, beijam a orla azul do ceu, ouvirá a voz triste do cura d'aldeia contar a lenda do santo da montanha:

Em romagens de sonhos e d'amores  
Beijavam-no as estrellas,  
E sua alma que voava pr'ó Senhor  
Pedia-lhe por ellas.

Em borbotões o sol corria a flux  
Alegre, sorridente,  
A formar-lhe uma tunica de luz,  
De luz alvinitente.

O vento, que é orchestra de doçura  
D'aquellas serranias,  
Entoava-lhe em redor da sepultura  
As tristes litánias.

E o rosto macerado do Asceta  
Do triste visionario,  
Brilhava como a fronte d'um propheta  
No cérrro d'um Calvario.

.....  
Cresceram as giestas; e mil flôres  
No ermo descampado  
Cobriram de perfumes e d'amores  
Aquelle corpo amado.

E em noites em que ha beijos a florir  
Na alma do poeta,  
Descem rosarios d'astros a fulgir  
A' campa do Asceta.

M. 1894.

MANOEL D'OLIVEIRA.

(Da Lenda d'um Santo, poemeto).

## SOL POENTE

**H**A n'esta hora não sei que de mysterio na natureza inteira, que nos innunda a alma d'uma dulcissima tristeza, não da tristeza que punge, que fere como a lamina acerante d'um estylete, mas d'essa tristeza indefinivel chamada saudade, que nos embala como o halito perfumado d'uma mulher, que nos prende e fascina com as algemas das suas graças e com o suave effluvio do seu olhar.

Quem pode traduzir em linguagem, dar forma ás mil impressões que a essa hora experimentamos, quando sentados sobre o cume d'uma montanha, como Maria sobre as ruinas de Carthago, vemos o astro-rei que declina, escondendo-se entre os nimbos roseos do poente, espargindo ainda mil scintillações d'ouro?

N'este momento deixamos-nos arrastar nas azas brancas da phantasia como pallida virgem em devaneio debruçada sobre o balcão, a ouvir o soluçar d'uma guitarra d'um bohemio que passa; architectamos castellos no ar que a realidade desfaz com mais rapidez que um possante ariete derruba um panno da muralha que rodeava a cidadella sitiada; mil sonhos surgem com todos os cambiantes do arco-iris, que se evolvam como d'um thuribulo, as espiraes de incenso para os pés de Deus.

JORGE OLNEY.

## A ÚNICA MARIÁ

Jesus, na hora extrema da agonia,  
Affrontosa, cruel, omnipotente,  
Definhou, quasi que insensivelmente,  
A soletrar o nome de Maria.

E' que n'esse divino nome havia—  
Como existe no astro do oriente  
N'uma manha asperriima, mormente  
—O conforto suave que allivia.

Mas nem tu, nem o sol, nem teu nome  
Me dão remedio ao mal que me consome,  
Sepulto em augural e espessa bruma.

Marias hoje em dia já são tantas  
Que, impondo-se mais firmes, quasi santas,  
Mais provam que Maria foi só uma.

Novembre, 99.

GIL MORENO.

## PERDIDA

(AO MEU COMPANHEIRO NOCTIVAGO—MARIO CAMEIRA)

I

**C**ONHECI-A n'uma casa de hospedes, em Lisboa. Muito loira,—mas loira como ha poucas, nomeadamente nos paizes, como o nosso, quentes.

O paiz das aventuras mysteriosas, a patria das sylphides e das ondinas é, no dizer do laureado academico hespanhol, D. Eugenio de Ochoa, a Allemanha, a poetica, a nebulosa Allemanha. E Augusta era allemã e era loira! Por isso, a mim, que vira, desde novo, o meu ideal encarnar-se n'uma loira, me pareceu ser ella uma ondina ou uma sylphide, e amei-a com arrebatamento, como se, tendo um nascimento diferente das demais mulheres, na realidade só digna se tornasse da minha adoração cega, sem limites.

Pertencesse eu á congregação dos Passionistas, e largaria o vestuario negro, a cintura de couro, o manto, arrancaria o coração bordado em branco e sobremontado d'uma cruz presa ao vestido, diria adeus á cellula friorenta, deporia a Biblia, largaria as sandalias,—para segui-la como sua propria sombra, por toda a parte, correr atraz d'ella como uma creança atraz d'alguma borboleta bulçosa, ou como o nauta em busca da voz canora da sereia que o embalou uma noite por sobre as aguas dormentes! Ah! segui-la sem pensar que o lepidoptéro podia deixar, a subitos, n'uma correria vertiginosa, entre nós, um abysmo hiante que eu não poderia ultrapassar por falta d'azas; sem pensar que a voz da lendaria sereia podia arrastar-me, docemente, para o silencio dos mares profundos onde moluscos produzem o nacar e o coral, para essas grutas azues de que falla Ohnet, «á entrada das quaes morre a agitação das vagas e onde as sereias divinas cantam a felicidade eterna».

Amei Augusta com a febre da fragil Bernardette em extasis perante a aparição da Virgem de Lourdes.

Todos os dias á hora das refeições, me esperava para sentar-se á meza, a meu lado. Incommodava-se porque eu comesse pouco: «Então! não come mais?... Mas, uma ave come decididamente mais que o senhor... Tão fraco, e a comer assim!...»

Um dia fomos até Belem. Havia feira. Como era domingo, os americanos, os trens de praça, os comboys despejavam gente aos montes. Elevava-se um chifrim dos demonios: cornetins desafinados, para uma banda; caixas de rufo, com o aspero ram-tra-rá-ram, para outra banda, vozes de histriões, vestidos à clown de circo, a vociferarem: «E' entrar! é entrar!»; emfim, esse brouhaha de feira, pelintra, enervante, produzido pela infima ralé, acanalhada, e pela plébe e burguezia.

E um sol causticante lambia em ondas de oiro, voluptuosas, os barracões de madeira e de lona.

Fugi com Augusta para o jardim que fica em frente dos Jeronymos, e onde o sussurro chegava, moderadamente.

O Tejo tinha scintillações metallicas; e do seu seio, lá ao fundo, fazendo lembrar o monstruoso Adamastor, de que falla Camões, a caminho da capital, e parado um momento por deslumbrado ante a feeria magestosa do porto, erguia-se a torre de S. Julião.

Nós, sob a sombra fresca d'uma arvore, muito juntinhos, fallavamos pouco, porque o que sentiamos era muito e porque temiamos que o nosso balbuciar fosse profanado pelos passeantes.

—Dizem que são sinistras, ás vezes as pai-

xões humanas, como aquelle tumultuar de feira, ali alevanté...

Augusta não respondeu.

—Amou já?

—E amo...

—Veja o que diz... Por piedade! para quê, magoar-me?

—A verdade sobre tudo, meu amigo. Amo o céu, a terra, o mar portuguezes...

—Só isso?

—Que mais? . . . Ah! sim, também as flores, oh, muito! As flores querem-se como as flores, não admirava nada que ella, ao fallar n'essas *estrellas da terra* como lhes chamou um poeta da sua patria, se animasse toda, sendo o seu corar do sangue alvorçado.

## II

Mezes de poz isto, Augusta era minha. Revia-me nos seus olhos, azues como os das Sarmatas de que falla Tacito, sem nunca advir-me d'abi o canção, o aborrecimento que é o fim das coisas atingidas e alcançadas. Era venturoso. Espantava-me quando ouvia ou lia que o Ideal é uma utopia, — especie de lampada de azeite d'um mundo phantastico onde, hora a hora, vão a afogar-se quaes doidas pyraustas, as almas dos poetas e dos amantes. Mintira! o Ideal existia, tocava-o eu, apalpava-o: Viesses confessar-me que a felicidade terrestre tem a triste sorte do batel que, a principio singrando bem por sobre as aguas d'um lago, vem a arrambar-se com o tempo, e a acabar por ir ao fundo, a enterrar-se no limo:—não acreditava!

Augusta comprehendia-me, e é na comprehensão de duas almas que estabelece seus arraiaes a felicidade. Terna, bôa, carinhosa até mais não. A serenidade lia-se-lhe no rosto, essa serenidade que é a prova authentica dos grandes corações.

Pelo dia adeante ia dar lições de inglez, francez e allemão. A' porta do nosso recommendava-me que não saísse: «Fica até eu vir... Não vaes passear, não?» E eu, docil como um cão, obedecia-lhe, depois de a ter beijado nos cabellos e na fronte.

## III

Um dia, adoeceu. Não fazia senão chorar, à sua cabeceira, sobre que, negligentemente, poisava a sua soberba cabelleira loira, luminosa como um diadema.

—Então, vaes melhor?

—Pouco melhor, meu amigo...

Com voz febril, accentuadamente meiga, pedia-lhe que não quizesse deixar a vida, pois tão nova, Jesus, e a nossa felicidade á espera do seu restabelecimento! Augusta sorria melancolicamente e tentava apertar-me a mão, a agradecer-me.

—Tem esperança no céu. E' essa a melhor das esperanças...

Sim, sim, Augusta... Felizes ainda! O céu, o mar, a terra e as flôres, ainda tudo isso!...

Ao mesmo tempo admirava-me de que nenhuma de suas discipulas tivesse vindo ao mandado saber da sua doença. Não era extraordinario? Se ella faltava aos seus deveres, havia algum motivo, e natural seria que mandassem inquirir. Accusava-as então, furioso, desesperado; e a minha querida murmurava:

—Deixa-as lá... são más, são. Mas, tenho-te a ti, meu amigo, sempre a velar por mim, e isso me basta.

## IV

D'uma vez, aproveitando-me do seu somno, abri-lhe a mala, a buscar as paginas d'amor que lhe havia mandado a principio, para, ao accordar, lh'as lér, persuadido como estava

de que aquella leitura a aliviasse um pouco. Depressa encontrei um grande masso de cartas. Nervoso comecei a lê-las, ao acaso. Horrivel! Eram de letra diversa, de pensamentos varios, emfim de muitos amantes. N'um momento comprehendi a verdade. Augusta era uma viciosa encoberta. Enganava-me, quando fallava em lições e discipulas.

Saia, mas era para conversar homens, a infame!

Espunante de raiva, avancei para o leito e agarrei-lhe furiosamente n'um braço. E, violento, terrivel, doído, atirei-lhe com os papéis á cara; e, n'um grito de fera que tem fome de sangue, berrei:

—Perdidal!...

Ella olhou-me ternamente, como em ultima adoração, desprendeu um gemido e tentou erguer os braços para mim, talvez a pô-los em attitude de pedir-me perdão. Mas, a morte, serenamente, como se encontrara alma de santa adentro d'um involucreo immundo, veio gelal-a, immediatamente, e os braços descaíram inertes, para sempre.

Já arrependido, inclinei-me sobre as faces brancas e, n'um beijo, bebi a derradeira lagrima da defuncta, sem duvida vertida ao comprehender a queda da minha felicidade, —que ella me déra e pela qual de certo velaria do céu, se eu, illudido ainda apóz a sua fugida da terra, continuasse a adoral-a como se fosse uma anjo que, tendo-me feito de rosas a existencia, fugisse para Deus, n'uma derradeira peregrinação d'amor, a tratar d'arranjar para ambos um logar na eternidade.

ARTHUR DORIA.



## Prisão e Liberdade

Quam dulcis sit libertas breviter proloquar.

(Phaedro—Livro III—Fab. VII)

Prisão—é treva, a liberdade—é luz;  
Prisão—é odio, a liberdade—amor,  
Prisão—é inferno, a liberdade—é céu.  
Prisão—é espinho, a liberdade—é flôr.

Prisão—é fera, a liberdade—é pomba,  
Prisão—é guerra, a liberdade—é paz,  
Prisão—é exilio, a liberdade—é patria,  
Prisão—é campa onde alguém, vivo, jaz.

Prisão—é pranto, a liberdade—é riso,  
Prisão—é fome, a liberdade—é pão,  
Prisão—descrença, a liberdade—é a fé  
Que impera, ativa, em cada coração.

Prisão—é o antro, a liberdade—é o eden,  
Uma—é cadaver, outra—alma florida  
Uma—assassina, outra—resuscita.  
Prisão—é Morte, a liberdade—é Vida.

Abril—99.

ARNALDO NOBRE.



## ILLUDIDA

Envolta na roupagem fluctuante,  
De flores e d'auroras adornada,  
A minh'alma partira, illusionada,  
Em busca d'outro céu, paiz distante.

Seguira corajosa, sempre ovante,  
Sem temer as fadigas da jornada  
Até sentir-se, emfim, inanimada  
A' vista do teu vulto provocante.

E então, semelhante á creancinha  
Que por noite sombria e temerosa  
Se encontrasse, de subito, sósinha,

A chorar e a tremer de frio e medo,  
Julgando abraçar mãe carinhosa,  
Abraçou-se, illudida, n'um rochedo!

Porto, 16—11—99.

LUIZ MARIA PEREIRA.

## Reminiscencia

Não esqueceste ainda, mulher formosa, N'aquele passeio por entre os montes numa manhã tão calma e serena?

Eu andava tão alegre e tu tão melancolica!

Ao subires o monte, por um carreiro estreito, escorregavas aqui e acolá e assomava-te aos labios um sorriso d'uma tristeza meiga. Tu cabindo e eu levantando-te, assim chegamos a píncaro da serra, um píncaro todo alcantilado. Era cedo ainda.

Sentamo-nos então. E mostrei-te, lá adeante, o céu d'um vermelho carregado em que principiavam a assomar uns raios tremeluzentes como filetes d'um oiro pallido.

Quando o sol radiante se sorriu para nós, tu sorriste-te fagueira para mim. E' tão bonito o romper d'aurora!

Continuando depois a caminhar encontramos um rebanho conduzido por um pequeno pagueiro que cantarolava:

«No dia em que me eu casar  
Ha-de haver festa na aldeia,  
Hão-de os sinos repicar  
E ha-de estar a lua cheia.»

E os echos repetiam compassadamente esta e outras cantilenas.

Seguimos sempre até ao pé d'uns frondosos castanheiros sob cuja sombra aprazível de novo nos sentamos.

Do pouco que dissemos já não estou lembrado; as horas passavam, e nós descuidados olhávamos para a amplidão celeste, para o azul immenso, abraçados docemente.

O sol começava a aquecer, e para não sentirmos o calor incommodo pareceu-nos prudente o retirar, principiando a descer por entre as urzes. Passamos aquella manhã tão bem!

O monte era lindo e a manhã tranquilla, e nós, felizes naquelle momento, ligados pelo amor que se irradiava dos nossos corações, sentimos ciciar um quer que fosse, tão suave como puro, no adeus da despedida.

13—11—1899.

AMADEU PIRES.



## DOMINANTE!...

Era um lar, que o amor illuminava  
De luz celestial. Dulcificava  
Aquella juventude!  
Ao desportar um dia, a alvorada  
Pedem descanço a lobrega jornada  
O Vicio e a Virtude.

Não sei que extravagante sympathia  
Acoorcentou o Vicio na harmonia  
D'aquella paz bendita...

O sol que fomentára a união  
Foi-se a pouco encobrindo na amplidão,  
Na magua infinita!

E tudo transformou alli! Agora,  
Esse amor suavissimo d'outr'ora  
E' frio e banal...

Em um pobre, miserimo ataúde,  
Partira para sempre essa Virtude,  
Tyranra do mortal!

Porto, 17—11—99.

J. LOPES VIEIRA.



## BEIJO ENGAIOLADO

ELLE que não passára ainda de ser creança, estava louco de amor por ella, outra creança também!

E soffria muito, muitissimo mesmo, por causa d'esse amor.

Não porque ella deixasse de corresponder-lhe, que não deixava, não;

mas sim porque os paes não levavam a bem taes amores e se recusavam a consentir no casamento.

Uma vez, que elle a espreitava,—louco d'amor,—um pouco antes do romper da aurora, quando a manhã hesita ainda em apparecer,—viu-a á janella, muito loira e muito branca, como sempre.

Estava fitando o céu pallido da manhã; e elle fitava-a a ella, sua aurora também.

Encantada com a nova claridade, fez o movimento ingenuo e bello,—que julgava que a não viam,—de enviar, com os seus dedos rosados, um beijo ao dia nascente...

Foi então que uma ave que despertava soltou um grito no espaço, como se esse ligeiro som fosse o canto do gesto que ella fizera!

O enamorado viu o beijo, ouviu o canto e perseguiu a ave pelo bosque. Agarrou-a e levou-a para casa.

Agora é feliz porque, todos os dias, desde pela manhã até á noite, ouve sempre cantar na gaiola o beijo da sua bem-amada.

CATULLE MENDÉS.

## É A TI

A Ex.<sup>ma</sup> Sur.<sup>a</sup> D. Laura de Campos Abreu.

Amei da lua a frente côr de neve,  
Amei do céu o pallido luar,  
Amei das nuvens o seu peso leve,  
Do mar amei o fundo soluçar.

Amei do bosque a sombra de encantar,  
Do rio a agua deslizando breve,  
Do rouxinol o seu feliz cantar,  
Amei do sol a luz que sempre teve.

Amei, enfim, d'uma fada a poesia.—  
Dispersa por aqui e por alli.  
A alma, o sentimento que extasia!

Mas desde que um momento só te vi  
Fiquei a amar com fé, com alegria,  
A tí, meu casto amor, sómente a tí.

Figueira da Foz, 6—10—99.

JOSÉ PINTO.

## ARTES E LETTRAS

BOHEMIA DE COIMBRA

POR

ALFREDO DE PRATT

**SUBORDINADO** á epigraphe supra lançou a lume o mimoso poeta das Orvalhadas o seu derradeiro trabalho em prosa.

Nas quasi trezentas paginas de que elle se compõe, enfeixa o auctor toda a serie de usos e praxes escolasticas, de peripecias e episodios os mais comicos d'essa alacre e airada bohemia da Lusa Athenas

Miudamente nos relata tudo, desde a designação cabida a estudantes conforme o anno cursado, até ás famigeras *troupes*, por noute velha, buscando os caloiros.

Aponta e demonstra a influencia exercida pela legião de Minerva no elemento *futrica*—zabumba em mãos d'aquella bandada de rapazes dados á esturdia.

Não lhe esquece também o pôr reparo na expontanea sympathia das donairosas filhas do Mondego por olhos travessos d'um senhor *doutor*.

Relembra o centenario da *seberta*, com a pilheria polvilhada na festança por almas

moças e sem peias de cuidados e convencionalismos.

Remata enfim traçando o leve esquisso d'essa abalada tocante dos *veteranos*, que, rota da vida, preenhe d'egoismo e dôres, lá caminham com as cartas de bacharel na mala.

\*  
\* \*

E nós que lemos o livro do sr. Alfredo de Pratt, com interesse e agrado, tão sómente encontramos em pontos esta pecha:—a nenhuma viveza do dizer, uma como estagnação do que breve se liberta, certo, mas dando ao leitor exigente má impressão.

Entanto d'um novo, que o é o auctor do livro, em questão, não é dado exigir mais nem melhor do que agora nos amostra.

Mesmo porque é ardua e requer especial feito esta tarefa de narrador.

Ao sr. Alfredo de Pratt, pois, os nossos parabens pela sua nova obra e os nossos agradecimentos pelo penhorante da sua offerenda.



## THEATROS

Theatro D. Affonso

Não foi ainda satisfeita a nossa anciedade de vêr abrir hontem as suas portas esta esplendida casa de espectaculos com a excellente companhia lyrica de que em seguida damos o elenco e de que é empregario o sr. Nubiola.

*Maestros*: Alminiana e Matheus; *sopranos*: Colombini, Magin e Casalsi; *mezzo-soprano*: Blasco; *contralto*: Franchesi; *segunda-dama*: Polope; *tenores*: Franco, Constani e Chiquini; *barytonos*: Scaramella, Cabello e Souza Coutinho; *bassos*: Dubois, Torres e Soldá; *director de scena*: Lorenzana; *apontador*: Marizzi; corpo de baile, 24 coristas; 35 professores d'orchestra e banda marcial.

A companhia que, como se vê é muito razoavel, fará cantar as seguintes operas:

*Huguenotes*, *Africana*, *Carmen*, *Aida*, *Pagglaci*, *Bohème*, *Fausto*, *Ballo in maschera*, *Cavalleria rusticana*, *Trovador*, *Luzecia*, *Favorita*, *Hernani*, *Traviata*, *Rigo leto*, *Luccia*, *Sommambula*, *Falstaff*, etc.

Do repertorio com que se apresenta ouviremos de novidade, apenas, a *Falstaff* que nos affirmam ser cantada muito regularmente por esta companhia, devendo por consequencia merecer o agrado do selecto publico que alli concorrerá a passar agradavelmente algumas horas d'estas já bem longas noites impertinentes de frio.

Com pezar dizemos que não está ainda marcado o dia da estreia.

Theatro Carlos Alberto

Com a *réprise* do engraçado e applaudido proposito de Ferraz Brandão «Janotas e Catitas» aos «Peraltas e secias» de Marcelino de Mesquita, foi hontem a festa do secretario da empresa.

Apresentou-se ao publico o estimado e popular actor Oliveira que, no seu papel de Patrio professor, fez rir a bandeiras despregadas a grande concorrência que enchia completamente o theatro.

O desempenho foi muito bom e o beneficiado recebeu grande numero de prendas e felicitações dos seus amigos.

Hoje repete-se á tarde o mesmo spectaculo e á noite a *Galderia*.

Palacio de Chrystal

Voltando a cidade á sua vida normal com o regresso das familias até agora auzentes por campos e praias, deliberou a Direcção do Palacio de Chrystal que aos domingos e dias santificados a banda da guarda municipal continue a tocar nos jardins d'aquelle recinto.

## HUMORISMOS

O fim do mundo

Em taberna manhosa e repellente,  
Sentados a uma mesa sem toalha,  
Dois homens se encontravam, frente a frente,  
Despejando garrafas de *metralha*.

Nem que a morte viesse de repente  
Não queriam responso nem mortalha!...  
Que levasse o diabo tanta gente  
Que resa e se consome e... que trabalha!

E quando o cometa de Biela  
Marrasse com a terra malfadada  
Não sentiam a enorme chocadella.

Nem teriam desgosto tão profundo...  
E, mais uma garrafa despejada,  
Cahiram a rosnar no fim do mundo!

Porto, 17—11—99.

LUIZ MARIA PEREIRA.

*Epitaphio a um cão*

*Qual misero cavallo lazarento*  
Esqueletico cão aqui morreu;  
O qual, durante a vida, só encheu  
Enormes barrigadas d'ar e vento.

Preso á trella e no rol do esquecimento,  
Jámais o sol verá que te aqueceu,  
E nunca mais a quem te conheceu  
Sé dado apreciar o teu *talento*.

Descança em paz, ó cão, nunca esquecido;  
Se nunca fôras cão, eu assevero  
Não terias de fome assim morrido.

E quem te fez passar d'ôr tão sublime,  
Soffra mortal castigo e bem severo,  
Pois matar á fome é grande crime!

Porto.

MARIO PINTO D'AZEVEDO.

Por lapso de revisão no anterior numero sahii rubricado por Moura e Castro, o soneto *O pedante*, obra do fallecido moço e talentoso poeta Arnaldo Nobre.

## Carteira

Partiu para Hespanha o nosso presado amigo e assignante sr. Serafim Martins Pacheco. Muito feliz viagem.

Foi agraciado com medalha de prata, de bons serviços e exemplar comportamento, durante 20 annos que tem servido nos correios o nosso amigo José Augusto de Barros. Os nossos cordeacs parabens.

A gentilissima Alzirinha, filha do sr. Dr. Antonio Machado Ferreira Brandão, nosso distincto assignante e particular amigo, completou ante hontem cinco annos.

Os nossos sinceros parabens á captivante menina e seu Ex.<sup>mo</sup> Pae.

O nosso amigo e assignante sr. Manoel João de Castro Gonçalves partiu para o Pará, Estados Unidos do Brazil, onde vae fixar residencia.

## FOLHETIM

(15)

GEORGES DE PEYREBRUNE

## Uma Separação

## PRIMEIRA PARTE

## III

Por fim, o medico assentou-se, emquanto ella esfarelava com as mãos estreitas e nervosas, sobre uma terrina de loiça azul, a dourada brôa de milho, enrolando-a, em seguida em bolas e batendo-lhe com os dedos revirados. Elle via esvoaçar a farinha loira que cahia sobre a cachopa, polvilhando á sua brancura de uma pennugem de sol.

—O que queria o senhor dizer-me? perguntou Rosa, empilhando as bolas douradas em um prato de estanho.

—Que és muito bonita, má, e que te amo doidamente.

—Só isso? voltou Rosa, amuada. Pois eu digo-lhe outra coisa: é que vou casar com o creado da nossa quinta, o Jacques.

—Prohibo-t'o! gritou o doutor, batendo com o punho em cima da mesa.

—Isso tanto monta, de nada vale. O pae quer, e está dito.

—... E tu tambem queres, não é verdade? Atrave-te e verás!

Rosa encolheu os hombros.

—Tudo isso são cantigas. O senhor fez-me promessas, não as cumpriu. Peor para si!

—Tu bem sabes que hei-de cumpril-as: é preciso ter paciencia e esperar.

—Esperar! esperar! Ha seis semanas que ababei de sua casa, farta de aturar a delambida da sua mulher, e mesmo para calar as linguas do mundo e para fazer a vontade ao pae. E que foi que o senhor me prometeu?

—Que te compraria a quinta que está em venda. Ora a quinta ainda não se vendeu. Compral-a-hei, com a bréca! mas necessito juntar dinheiro, e o meu tabellão...

—Lerias! resmungou a moçoila, atirando para o ar as migalhas da brôa, não é o dinheiro que lhe falta; é sua mulher que não quer abrir os cordões á bolsa, e o senhor, que é um pedaço d'asno, não se atreve a desobedecer-lhe. N'esse meio tempo, outra pessoa comprará a quinta, pór-nos-hão no olho da rua, e como eu não posso assoldar-me algures, desde que por sua causa perdi o meu credito, tenho por força de casar com o Jacques, que me levará para a sua terra. Uma bonita peça que o senhor me pregou com as suas parlatices. Se eu o conhecesse!...

E fingia chorar, tapando os olhos com o braço.

Vejamos, Rosa, escuta-me. Tu bem sabes que por caso algum te abandonarei, não obstante teres fugido de minha casa, como uma ingrata, logo depois da nossa felicidade. E repellir-me, todas as vezes que eu venho fazes-me soffrer! Enlouqueço! Quero-te, ouves? e obter-te-hei, mesmo que para isso seja necessario...

Pedro Baldy levantou-se e abeirou-se de Rosa, abrindo os braços, trémulo de paixão.

Ella gritou:

—Tome sentido! os homens não tardam.

E desprendendo-se lhe dos braços, correu para a chaminé, para onde atirou ramos secos que se incendiaram, estalando. Pegando uma por uma nas bolas de milho, redondas e amarellas como laranjas, deitou-as para dentro da caldeira, suspensa sobre o lume por uma corrente de ferro.

(Continua.)

## Notas de sport

Na sessão de direcção do Real Velo Club do Porto de segunda-feira, apresentou o sr. Olyntho Múaze uma proposta, que foi approvada, para que se collocasse na sala de leitura o retrato do sr. Commendador Eduardo da Motta Ribeiro Junior, secretario geral da direcção do Velo Club, prestando assim a sua homenagem de gratidão aos valiosos serviços do sr. Commendador Motta Ribeiro.

\*

A sala de leitura do Real Velo Club do Porto foi engrandecida com a aquisição de varias publicações periodicas portuguezas e estrangeiras.

\*

As obras interiores que a commissão de socios do Real Velo Club do Porto introduziram nas salas da sua séde, vão muitissimo adiantadas, devendo ficar completas nos primeiros dias da proxima semana.

\*

Activam-se tambem extraordinariamente as obras de reparação do velodromo Maria Amelia sob a direcção dos distinctos engenheiros srs. Estevão Torres e Eleutherio da Fonseca, havendo grande anciedade de se verem concluidas, para n'elle se realizarem umas luzidissimas corridas internacionaes promovidas pelo Real Velo Club do Porto.

\*

Como dissemos no nosso numero anterior realizaram-se no domingo, em Lisboa, no Jardim Zoologico, umas corridas de bicycletas promovidas por varios rapazes d'aquella cidade *enragés* neste genero de sport.

As corridas estiveram muito pouco animadas porque foi diminuta a concorrência.

Os premios que eram medalhas de prata e cobre foram ganhos pelos srs. Soutello, Carvalho, Jacintho, Anthero Leopoldo, Baptista, Jara, Santos, Amadeu, Taborda e Julio Ferreira.

\*

Hoje, pelas 8 1/2 horas da manhã, deve realizar-se na estrada de circumvallação, da Areeoa, ao Carvalho, umas corridas de bicycletas promovidas pelos empregados dos Grandes Armazens Herminios e dedicada á Sociedade Recreativa Herminiana.

Esta diversão decorrerá, estamos d'isso seguros, com o brilhantismo com que as costumam assignalar, todas as que por aquelle illustro pessoal são levadas a cabo.

\*

Ainda em Nova-York, Elkes, entrena-lo por um tandem e um tripleta automoveis, porpoz-se bater o record da hora, mas não pode levar ao fim a sua tentativa, porque, tendo rebentado o pneumatico da tripleta, o respectivo equipo cahiu, fazendo cahir tambem o recordista. No momento da queda, por rém. Elkes tinha percorrido 58 kil. 560 m. em 59 m. 28 s. 3/5, o que quer dizer que deveria ter feito na hora pouco mais ou menos 59 kil. 100 m., com o que ficaria batido o recordo de Taylor, que é de 58 kil. 980 m.

## HORAS DE SOCEGO

## Charadas novissimas

Olha! Uma planta no peito d'um peixe!—4, 1

Capitão! Veja se em todo o navio encontra um arbusto.—1, 1

Vaquella ave que alem vés levou no coração um tiro.—2, 1, 1

Medida na extremidade da charamella—2, 1

Planta com ramos tambem é planta—3, 2

Ergue-se o rebanho coberto de agua—2, 2

Vo matagal! Pela estrada! levem o toucado.—3, 2

O instrumento, homem, causou-te uma vertigem.—2, 2

Analmar.

## Enygma

Está no ceu,  
está na terra,  
qualquer chapéu  
tambem o encerra.

Está no inferno,  
está no vento,  
está no inverno  
e no convento.

Caro leitor,  
pr'a que eu não minta,  
por mui favor  
darei que é quinta.

A. Tins-mar.

## Enygma typographic

GA—

Heln.

## Logogripho

Gravado a estrellas, alem,  
No firmamento azulado—3, 8, 7, 6  
Conseguí soletterar bem  
O nome teu adorado.—5, 6, 4, 7, 2, 9

Teus labios, ó minha amada—4, 5, 6, 7, 8, 3  
Têm a côr do arrebol;  
E a voz tua aprimorada  
Semelha a do rouxinol—9, 4, 5

Não olvides quem te adora,  
O' virgem do meu sonhar,—6, 7, 3  
E como já rompe a aurora  
Digo-te adeus a chorar—4, 9, 6, 5

Mas antes, eis meu desejo:  
Todo o meu immenso amôr  
Te mando junto com um beijo  
Na corolla d'uma flôr.

Diadema.

## Decifrações do numero anterior

Das charadas novissimas—1.<sup>a</sup> Canarim,  
2.<sup>a</sup> Penafiel.

Da charada em verso—Girasol.

Do enygma typographic—Catalina.

Da pergunta enygmatica—Regoa.

Do logogripho por letras—Carteira.

Relação dos decifradores:

Teidila, Joamel, Vaspilinto, Emyaj, Róvi,  
Macoepia, Lulu, Mimi, Luar, Flavio e Fifi.

## O CAMPEÃO

Redacção e Administração — R. Santo Antonio, 165 — PORTO

## Condições da assignatura

(Pagamento adiantado)

Trimestre . . . . .	300 reis
Semestre . . . . .	600
Anno . . . . .	1\$200

Cobrança pelo correio mais 80 reis

Avulso 30 reis

## ANNUNCIOS

Contracto especial

TYPOGRAPHIA A VAPOR  
DE  
JOSÉ DA SILVA MENDONÇA

Rua do Almada, 96

PORTO

Praça de D. Pedro, 95

N'esta typographia imprimem-se com rapida e esmerada perfeição e nitidez: Jornaes, livros, mappas, relatorios, facturas, recibos, cartas, bilhetes de visita, participações de casamento, rotulos para pharmacia, etc., etc., para o que dispõe de material o mais moderno. Preços modicos.

(CASA FUNDADA EM 1882)



BICYCLETAS  
**GLADIATOR**

as unicas que offerecem garantia aos cyclistas pela solidez de construcção, leveza de andamento, elegancia de quadros e, finalmente, pelo seu modico preço.

TRICYCLOS COM O MOTOR A PETROLEO

**ASTER-GLADIATOR**

os que melhor resultado teem dado nas estradas portuguezas.

Encontram-se á venda em casa do seu agente

**Silvestre Dias Teixeira**

153, RUA DO SÁ DA BANDEIRA, 157

E NA SUA CASA FILIAL

RUA DE CEDOFEITA, 84

(Esquina da Travessa de Cedofeita)

PORTO

*Onde tambem se vendem e alugam bicycletas**Onde se encontra excellentemente montada uma officina de reparação.*

NOVIDADE LITTERARIA

**Alfredo de Pratt****BOHEMIA DE COIMBRA**

(EPISODIOS DA VIDA ACADEMICA)

1 volume, 600 reis. A' venda em todas as livrarias.  
Deposito geral—Imprensa Academica, Coimbra. Franco de porte.

Ourivesarias, Joalherias e Relojoarias

DE

**M. MARTINS MARQUES SUCC.<sup>RES</sup>**

123, RUA DE SANTA CATHARINA, 131—PORTO

O sortimento é muito variado, havendo objectos muito lindos, proprios para presentes.  
Casa de plena confiança.—Preços fixos.

**Commercio Geral de Velocipedes**

Unico deposito ao Norte de Portugal das celebres bicycletas

**CLÉMENT**

E OUTRAS AFAMADAS MARCAS, PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Agencia de MOTOCYCLES e AUTOMOVEIS

DOS PRINCIPAES CONSTRUCTORES FRANCEZES

**João Garrido**

CASA FUNDADA EM 1891

Completo sortido de accessorios VESTUARIOS CYCLISTAS

*Excellent officina de reparações pessoal habilitadissimo.*

MACHINAS francezas, inglezas, allemãs e americanas

PREÇOS EXCEPCIONAES

Rua de Passos Manoel, 16, 18 e 20

PORTO

FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

DE

**PIMENTEL & QUEIROZ**

RUA DE SANTA CATHARINA, 127—PORTO

Sortido completo em velludos, sedas pretas, damascos e sedas para guarda-soes.

Grande variedade em guarda-soes para homem e senhora. Preços convidativos.